

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXVI nº 1428 | 16/04/2018 a 22/04/2018

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



MERCADO

LEITE MADE IN REGIÃO SUL

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Cada vez mais, a tecnologia, sanidade, organização e qualificação implantadas no campo têm resultado em saltos de produtividade e produção nas atividades agropecuárias. Isso é bastante perceptivo na pecuária leiteira do Paraná e dos dois outros Estados da região Sul. O problema é quando o mercado consumidor não acompanha esse processo, o que resulta no desequilíbrio e instabilidade do setor.

Diante deste desafio, produtores, indústrias e entidades, como Sistema FAEP/SENAR-PR, trabalham para colocar o leite sulista no mercado internacional. Apesar de inúmeros, os desafios estão sendo superados. É isso que você pode ler na matéria de capa deste informe.

Ainda, nas outras atividades agropecuárias do Estado, o Sistema FAEP/SENAR-PR continua trabalhando na defesa dos interesses do produtor. O último módulo do projeto-piloto de capacitação dos integrantes da CadeCS da avicultura e suinocultura aconteceu em Curitiba. Agora, mais profissionais estão preparados para negociar com as indústrias.

Também de interesse do campo, o ProSolo segue treinando técnicos para desenvolver projetos de recuperação do solo e da água nas propriedades rurais. Já são mais de 200 profissionais prontos para resgatar as boas-práticas agrícolas que colocaram o Paraná como referência no tema.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretores Financeiros: João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior |
Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcântara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafaneli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Geraldo Melo Filho

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho
Redação e Revisão: André Amorim e Antonio Carlos Senkovski
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figuei
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1428:

Fernando Santos, AEN, Tony Oliveira, Milton Dória, divulgação, shutterstock e arquivo FAEP

ÍNDICE

LEITE

Estados da região Sul miram no mercado internacional para a estabilidade da pecuária leiteira

PÁG. 4

CADECS

Sistema FAEP/SENAR-PR realiza módulo de técnicas de negociação para instrutores

Pág. 3

COMBUSTÍVEL VERDE

Aumento no percentual de biodiesel no diesel irá impactar mercado de óleo de soja

Pág. 9

HORTIFRUTI

Instrução Normativa determina procedimentos para aplicação da rastreabilidade

Pág. 12

CICLO DE PALESTRAS

Com apoio do SENAR-PR, especialista percorre o Paraná levando informações aos produtores

Pág. 16

PROSOLO

Programa reforça a necessidade de conservação dos principais patrimônios naturais

Pág. 18

Equilíbrio na negociação

Sistema FAEP/SENAR-PR promove treinamentos para auxiliar avicultores e suinocultores integrados a atuar nas Cadecs



Uma das contribuições mais importantes trazidas pela Lei nº 13.288/2016, conhecida como Lei de Integração, foi a criação das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) junto a cada unidade industrial que atua no regime de integração. O objetivo destas comissões é que produtores rurais integrados e agroindústrias integradoras possam contar com um espaço transparente e equilibrado para negociação e diálogo, algo que vinha sendo buscado há tempos pela FAEP. Para que haja equilíbrio nesse processo, as reuniões são paritárias, isto é, contam com o mesmo número de participantes da indústria e dos produtores.

Para ajudar avicultores e suinocultores paranaenses a negociarem com mais propriedade e conhecimento, o SENAR-PR vem realizando uma série de treinamentos, tanto voltados aos membros das Cadecs, quanto a ins-

trutores da entidade. Num segundo momento, esses profissionais se tornarão multiplicadores deste conhecimento, repassando aos integrantes das comissões de suas respectivas regiões.

Capacitação

Nos dias 10 e 11 de abril, o treinamento sobre “Técnicas de Negociação” nas Cadecs aconteceu voltado aos instrutores do SENAR-PR. Este foi o último módulo de um projeto piloto que tem por objetivo promover a capacitação técnica dos membros de Cadecs. O primeiro módulo foi “Noções Jurídicas Aplicadas aos Contratos de Integração” e o seguinte “Técnicas de Organização e Condução de Reuniões”

Segundo o professor universitário e especialista em negociação, Kassem Mohamed El Sayed, que conduziu o treinamento, um dos pontos que precisam ser trabalhados nas ne-

gociações é pensar no coletivo e de forma estruturada, ao invés de levar para a mesa de negociação apenas o desejo individual do produtor. “Hoje esse processo é muito confrontacional, porque é fruto de um olhar individual. A confiança entre os dois lados (produtores e integradoras) é a chave da evolução”, disse.

O instrutor do SENAR-PR Paulo Golin, que participou do curso e atua na cidade de Realeza, na região Sudoeste, acredita que o treinamento será positivo para os produtores da sua região. “O ponto mais importante, na minha opinião, é que o integrado chegue na mesa de negociação bem embasado e consiga mostrar para a integradora como os dois podem avançar juntos”, avaliou.

Hoje o universo paranaense conta com 32 unidades agroindustriais que podem contar com Cadecs. Destas, 19 possuem comissões em funcionamento. Na avicultura, o número de comissões ativas é superior a 90%. Já na suinocultura, apenas 15% das Cadecs estão ativas.

Desta forma, para um tratamento mais justo e equilibrado, é importante que os produtores rurais que ainda não participam destas comissões procurem o seu Sindicato Rural. Ainda neste sentido, o Sistema FAEP/SENAR-PR oferece apoios técnico e jurídico para formação das Cadecs, além do plano de capacitação.

Outra iniciativa da entidade para apoiar os produtores integrados é o Núcleo de Cadecs, criado em agosto de 2017, com objetivo de proporcionar apoios político, técnico e jurídico aos integrantes das comissões, auxiliando nas negociações e promovendo a troca de experiências entre as diferentes Cadecs do Estado.

Mercado internacional na mira do leite sulista

Produtores, entidades e indústrias da região trabalham para viabilizar a venda de produtos lácteos para o exterior, na ambição da estabilidade dos preços

Por Carlos Guimarães Filho

Nos últimos anos, os números da pecuária leiteira na região Sul estão desajustados. A cada temporada, os três Estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) elevam a produção de leite, reflexo direto da tecnologia, sanidade, organização e qualificação empregadas dentro e fora da porteira. O ponto de desequilíbrio está no consumo, que não acompanha os 'passos largos' do campo. Desta forma, a lei da oferta e da procura, que tanto determina os preços praticados pelo mercado, tem pesado para a falta de estabilidade da remuneração aos produtores.

A situação contrastante entre produção e consumo é facilmente comprovada pelos números oficiais. Em 2016, dado mais

atual disponível da Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), juntos, os três Estados do Sul produziram 12,4 bilhões de litros de leite. A quantidade manteve a região Sul como a maior produtora nacional, à frente do Sudeste, com 11,5 bilhões de litros. Atualmente, 38% do leite brasileiro são produzidos no Sul do país, apesar da região representar menos de 7% do território nacional. A expectativa é, que em função do potencial regional, esse volume atinja 50% até 2023.

Na outra ponta da cadeia, principalmente em função da crise econômica, houve queda no consumo nacional do produto e de vários derivados. As vendas de queijo e iogurte, por exemplo, atingiram os menores níveis desde a temporada 2007/08. Na média, o brasileiro consome 174 litros de lácteos por ano, sendo que o 'guia alimentar para a população brasileira' do Ministério da Saúde recomenda, somando leite e derivados, 200 litros por ano.

Diante deste desequilíbrio, produtores, entidades e indústrias da região Sul buscam o mercado internacional como saída para a estabilidade do setor e, consequentemente, melhora da remuneração em todos os elos da cadeia produtiva, inclusive dentro da porteira. Os três Estados contabilizam 172 mil produtores de leite.

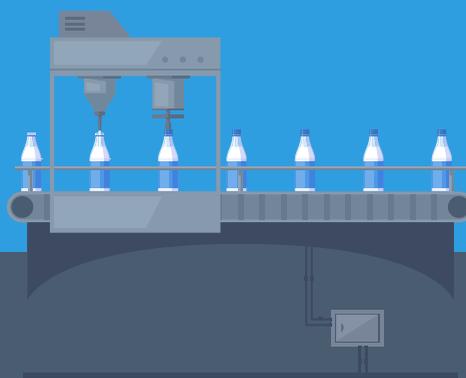
"Temos que perseguir a sustentabilidade da cadeia produtiva. E isso passa pela participação no mercado internacional. Com o aumento da produção, inserção no exterior não é uma escolha, mas uma necessidade", destaca Ronei Volpi, pecuarista, consultor da FAEP e coordenador geral da Aliança Láctea Sul Brasileira (ALSB), fórum que fomen-

ta o desenvolvimento produtivo, industrial e comercial do setor nos três Estados do Sul. "A oferta cresce acima do ritmo da população brasileira. Mesmo projetando alta no consumo nos próximos anos com a melhora financeira das pessoas, fica abaixo [do necessário]. O Brasil precisa se transformar em exportador", reforça Airton Spies, secretário de Agricultura e Pesca de Santa Catarina.

Quantidade não é problema. No ranking mundial, o Brasil aparece como o quarto maior produtor de leite. Ou seja, o país precisa articular uma estratégia para alcançar os principais mercados consumidores, principalmente na Ásia, aponta Tatiana Palermo, ex-secretária de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) nos anos de 2015 e 2016.

"Como produtor, o Brasil tem possibilidade de exportar. Mas [a exportação] é uma atividade complexa, que requer sanidade, logística, estudo de mercado, composição de preços competitivos, gama de produtos, entre outras variáveis", diz Tatiana. "O produto exportado passa por rígidos padrões de qualidade e exigências sanitárias do mercado comprador. Além das questões de tendência de consumo", complementa.

Em 2016, os lácteos aparecem com menos de 1% de participação dos alimentos exportados pelos Brasil, apenas para nichos de produtos específicos, como leite condensado, doce de leite e creme de leite. Soja, carnes, açúcar, café e milho representaram 94%



820

bilhões de litros de todos os tipos de leite foram produzidos no mundo em 2017

Desafios

Colocar o leite sulista no exterior não é tarefa simples. Mas, de forma unânime, produtores, entidades e indústrias sulistas garantem ser possível. Tanto que, há algum tempo, a cadeia produtiva regional tem trabalhado para viabilizar o negócio, principalmente nos quesitos qualidade, competitividade e organização.

Nos últimos anos uma série de boas práticas agropecuárias tem sido exigida nas propriedades leiteiras para garantir a qualidade do produto, conforme certificações internacionais. Inclusive, multinacionais como Nestlé e Lactalis e as cooperativas dos Campos Gerais, Castrolanda, Frísia e Capal, em intercooperação com outras cinco desenvolvem sistemas que pagam mais aos produtores pelo leite de qualidade. Ainda, o Sul conta com modernos laboratórios para dar suporte técnicos aos produtores e indústrias.

“Aumento da contagem bacteriana, células somáticas e o teor de sólido

envolvem diversos fatores, inclusive o melhoramento do rebanho. Isso é fundamental para melhorar o rendimento industrial. Afinal, não vamos exportar água”, pontua Spies.

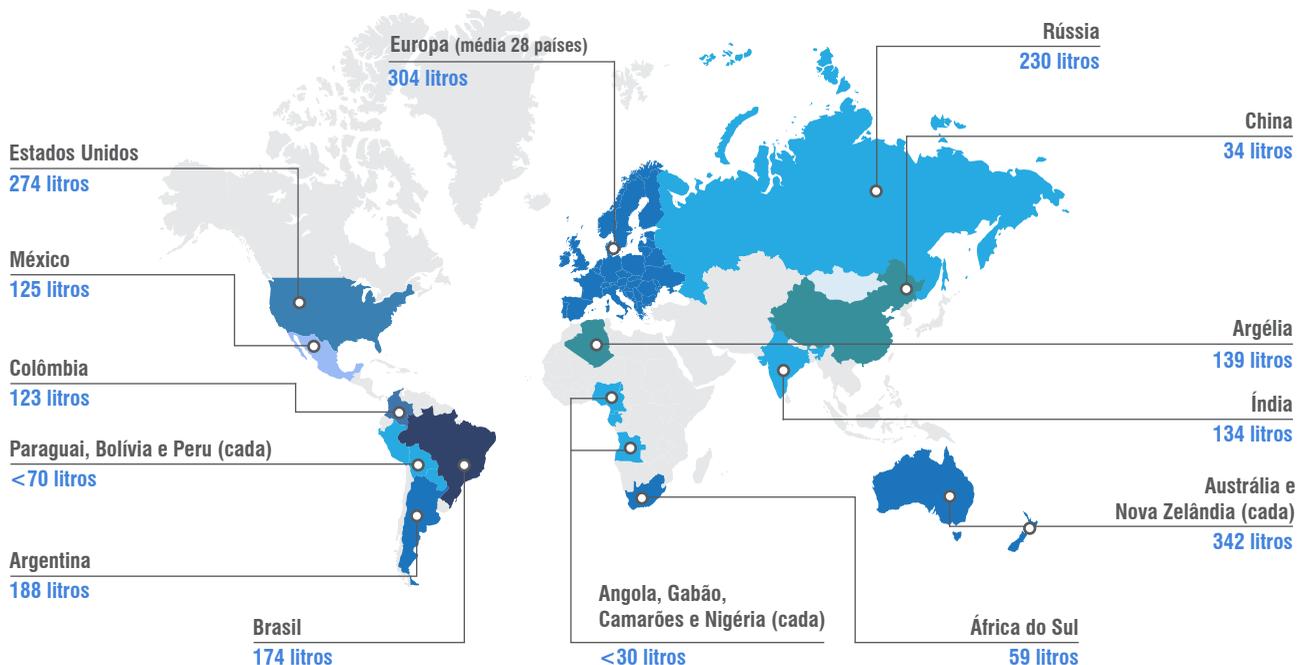
Ainda visando a melhora do rebanho, os três Estados trabalham para erradicar doenças como a tuberculose, a brucelose e a febre aftosa. Segundo o diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Inácio Afonso Kroetz, sanidade é a primeira barreira enfrentada quando se busca exportar alimentos. “Esse é um dos desafios que estamos trabalhando. Precisamos diminuir os índices das doenças. Nossa busca é pelo título de certificação favorável para os três Estados”, diz.

Em outra vertente estratégica, a região trabalha para a melhoria da competitividade, principalmente na produtividade por animal. Neste quesito entram investimentos em genética, tecnologia, bem-estar animal e qualificação da mão de obra. Alguns municípios já são refe-

“Para continuar crescendo, exportar é preciso. Do contrário, vamos nos afogar em leite”

Airton Spies,
secretário de
Agricultura de
Santa Catarina

Confira o consumo de lácteos pelo mundo



*litros / habitante / ano

Fonte: International Farm Comparison Network (IFCN)



rências, como Castro e Carambeí, na região dos Campos Gerais do Paraná, que contabilizam alta produtividade por animal. Porém, isso não representa o contexto regional, o que exige mais e novos investimentos.

Nesta equação também entra a logística de transporte da matéria prima das propriedades até as indústrias. No Brasil, em média, são 47 litros de leite coletados a cada quilômetro percorrido pelos caminhões tanques, enquanto a Nova Zelândia registra 220 litros por quilômetros. Ou seja, o aumento de escala é fundamental para garantir um

custo de produção competitivo.

“Além de produto de qualidade, precisamos de custo igual ou menor ao dos principais concorrentes. Essa logística eficiente da cadeia é importante para assumirmos compromissos comerciais com o mundo”, diz Volpi. “Para conseguir exportar com qualidade e credibilidade, os três Estados do Sul precisam trabalhar juntos para atender os parâmetros internacionais. Se ficarmos acompanhando o contexto nacional seremos taxados de leite de baixa qualidade”, acrescenta Osmar Redin, chefe de gabinete da secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Rio Grande do Sul, que destaca o importante trabalho estratégico da Aliança Lácteo Sul Brasileira. “O grande mote de existência do Fórum é preparar o Sul para ser exportador de lácteos. O Sul tem que adiantar, para ajudar o restante do Brasil no futuro”, garante Spies.

Mercado potencial

O mapa mundial do consumo de lácteos permite traçar algumas rotas para colocar o leite e derivados no exterior quando o tripé qualidade, competitividade e organização estiver alinhado. A própria América Latina apresenta possíveis compradores de lácteos sulistas. Países como Bolívia, Peru e Paraguai consomem menos de 70 litros por habitante a cada ano (veja quadro na página anterior). A média do consumo mundial está na casa dos 112 litros/habitante/ano.

“A América Latina tem países importadores [de leite]. Talvez seja a nossa primeira grande experiência”, diz o co-



40%

do mercado internacional de lácteos
são abastecidos pela Nova Zelândia



ordenador geral da Aliança Lácteo Sul, lembrando que as negociações para abertura do mercado mexicano estão avançadas. “A partir de 2020 queremos ser um player de

leite no mercado internacional”, projeta.

Para o futuro, a região Sul também está de olho no outro lado do planeta. A população da China registra um dos mais baixos consumos do mundo. Porém, com a projeção de manutenção do crescimento da economia local e da condição financeira dos cidadãos, isso deve se refletir no aumento do consumo de alimentos, inclusive produtos lácteos.

“Temos que vender para quem quer comprar, onde é mais lucrativo. No futuro, o grande potencial é a China”, garante o secretário de Agricultura de Santa Catarina. Apesar da enorme população, a Índia não aparece como prospecção do leite brasileiro por ser a maior produtora do mundo.

Mas a conquista destes mercados vai além de oferecer preço e a quantidade desejáveis. É preciso conhecer a peculiaridades de cada povo, para ofertar produtos personalizados. Ou seja, as indústrias precisam conhecer os gostos locais para desenvolver alimentos conforme o público consumidor.

“É preciso avaliar todas as questões de tendência de consumo. Pessoal lá fora gosta de alguns leites, queijos, iogurtes, variedade de produtos que nem existem no Brasil, pois os gostos são diferentes. A Coca Cola lançou na Índia um leite com sabor manga que faz o maior sucesso”, destaca Tatiana.

Referências colaboram para estruturar plano estratégico

Neste trabalho de preparar a cadeia produtiva sulista para o mercado internacional, Uruguai, Argentina, Nova Zelândia e Austrália aparecem como referências, dentro e fora da porteira, para estruturar o plano estratégico. Os dois primeiros pelo fato de apresentarem condições semelhantes aos Estados da região Sul. Ainda, por exportarem parte significativa do que é produzido. O Uruguai, por exemplo, produz 1,8 bilhão de litros de leite por ano e, com uma população menor que a do Paraná, apenas 3,4 milhões de habitantes, manda bastante leite em pó e outros derivados para o exterior, inclusive para o próprio Brasil. A Argentina, por sua vez, produz 10,6 bilhões de litros.

Numa visão mais macro, os dois países da Oceania, verdadeiras potências mundiais quando o assunto é leite, são as referências na busca por uma cadeia leiteira perfeita. Ambos, além da população que consome bastante produtos lácteos, contam com um nível de competitividade invejável que permite exportar quase metade da produção e abocanhar parte dos

negócios internacionais envolvendo a proteína.

“Esses dois países têm suas pastagens cobertas por neve durante seis meses. Mesmo assim são potências. Nós temos vantagens, inclusive a de produzir muita comida para os animais o ano todo. Temos que transformar isso em vantagem competitiva”, afirma Airton Spies, secretário de Agricultura e Pesca de Santa Catarina, que morou durante seis anos nestes dois países e conhece em detalhes a cadeia de leite por lá.

A estruturação do leite na região Sul também aproveita ensinamento de duas cadeias referências nacionais: frango e suínos. Estas conseguiram, após um trabalho voltado para sanidade, capacitação, tecnologia e estruturação, atingir o mercado internacional. Essa clientela no exterior permite, quando ocorre uma crise econômica interna, como nos últimos anos, que o enfrentamento seja mais sereno, inclusive com a estabilidade dos preços.

“Há 30 anos o Brasil era o maior importador de leite do mundo. Hoje somos autossuficientes. Apesar do nosso principal mercado ser o interno, precisamos desenvolver o setor para que o mundo se abra para o leite brasileiro”, define Ronei Volpi, coordenador geral da ALSB.

Mais combustível verde na bomba

Aumento no percentual obrigatório de biodiesel no diesel eleva a demanda de óleo de soja, sua principal matéria-prima



Desde o dia 1º de março, a mistura obrigatória de biodiesel no diesel de petróleo passou de 8% (B8) para 10% (B10). A medida foi aprovada no final de 2017 pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), órgão presidido pelo Ministério de Minas e Energia, que antecipou em um ano o percentual determinado pela Lei nº 13.263/16.

A medida deverá ter impactos no mercado de óleo de soja, uma vez que a oleaginosa responde por cerca de 80% da matéria-prima utilizada na composição do combustível verde, seguida pelo sebo bovino, outros óleos vegetais (palma, algodão etc.) e até óleo de fritura reutilizado. A expectativa da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) é que a demanda por biodiesel aumente 1,3 bilhão de litros, saltando dos 4,3 bilhões de litros consumidos em 2017, para mais de 5,6 bilhões de litros. Segundo a entidade, o consumo de óleo de soja utilizado na fabricação de biodiesel passará de 2,9 milhões de toneladas para 3,7 milhões de toneladas. Da mesma forma, a demanda pelo grão da oleaginosa para esmagamento aumentará de 14,5 milhões de toneladas para 18,5 milhões de ton.

De acordo com o diretor superintendente da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio), Júlio

Minelli, o aumento na demanda de biodiesel deve impactar a valorização da soja. “Não acreditamos num impacto direto no preço dessa commodity, mas na possibilidade de dar oportunidade de ter mais industrialização do grão e assim colaborar com a reversão da tendência de exportar grão sem processá-lo”, observa. “Ao deixar de industrializar a soja, deixamos de agregar valor”, completa.

Segundo ele, como o óleo corresponde a apenas cerca de 20% do volume de soja em grão, sendo o restante farelo usado na produção de ração, o aumento na demanda por biodiesel deve impactar também o setor de proteína animal. No que se refere à demanda de sebo bovino – a segundo matéria-prima mais importante na composição do combustível –, Minelli afirma que outros tipos de gordura vêm sendo cogitados, como a suína e de aves.

De acordo com a consultoria TerraFirma o volume de diesel de petróleo que deixaria de ser importado pelo Brasil com o B10 seria de 1,3 milhão de m³ por ano. Com um valor comercial médio de US\$ 433 por m³ de diesel, o impacto na balança comercial brasileira seria da ordem de R\$ 1,8 bilhão.

Combustível sustentável

A antecipação do B10 para 2018 ocorre em consonância com o RenovaBio, política de Estado traçada durante o governo de Michel Temer, que reúne diversas medidas com objetivo de ampliar a participação de biocombustíveis na nossa matriz energética. Essa estratégia, além de contribuir com a segurança energética brasileira, também colabora para a redução das emissões de gases causadores do efeito estufa.

Essa política vai ao encontro dos compromissos assumidos no Acordo de Paris (COP-21). O Brasil tem um plano para expandir o percentual de biodiesel no diesel de petróleo gradualmente chegando a 2030 com participação e 20% do combustível (B20). Com isso, segundo a Aprobio, “o biodiesel contribuirá com 3,31 pontos percentuais nos 18% colocados como meta de representatividade de biocombustíveis sustentáveis na matriz energética brasileira. Meta assumida pelo Brasil no Acordo de Paris”.

Neste cenário, a partir de 2030 será evitada a emissão de aproximadamente 34 milhões de toneladas de CO² por ano.

LOOPINGS E QUEDAS LIVRES

Apesar da origem ser na Rússia, a primeira montanha-russa de gravidade foi construída em Paris, na França

Como o próprio nome já diz, as montanhas-russas foram originadas na Rússia. No século 15, durante o rígido inverno do país, como forma de lazer, as pessoas começaram a se divertir em pequenas elevações de gelo ou mesmo em montanhas de verdade que formavam gigantescas rampas cobertas de neve. O pessoal subia até o alto para deslizar encosta abaixo sentado sobre blocos de gelo recobertos de palha. O sistema de freios era rudimentar, sendo que nos últimos metros jogava-se areia na pista para reduzir a velocidade dos “carrinhos”. Ainda, rampas de madeira com até 20 metros de altura, também cobertas de neve para imitar as montanhas, eram utilizadas como forma de lazer pelo público.

Anos depois, as pessoas passaram a utilizar trenós, que atingiam velocidades maiores. Em 1784, em São Petersburgo, na Rússia dos czares, foi construído o primeiro trezinho específico para a atividade. Em vez de descidas radicais, os trezinhos passeavam por túneis com cenários especialmente montados – nasciam atrações conhecidas universalmente nos parques de diversões, como o túnel do amor e o trem fantasma.

A brincadeira dos trenós chamou a atenção de muitas empresas, até que a companhia Les Montagnes Russes à Belleville, em 1812, decidiu apostar na construção da primeira montanha-russa de gravidade, em Paris, na França.

Em 1827, foi a vez de os Estados Unidos abrirem a sua primeira montanha-russa, adaptando os trilhos de uma mina de carvão para um passeio que durava mais de duas horas. O sistema de freio era manual e podia ser acionado pelos passageiros. A partir daí, o século 19 viveu a fe-





Gravity Pleasure Switchback Railway foi a precursora das montanhas-russas nos EUA

bre da montanha-russa, com variadas adaptações.

As primeiras montanhas-russas de fato dos Estados Unidos começaram a ser construídas em 1884. Na ocasião é inaugurada a primeira montanha-russa com o formato atual, a Gravity Pleasure Switchback Railway, num parque de diversões de Coney Island, perto de Nova York. Mas o carrinho dificilmente ultrapassa os 10 km/h.

Um ano depois, LaMarcus Adna Thompson fez a patente da primeira montanha-russa. Ainda no século 19, o parque nova-iorquino Sea Lion Park introduziu a montanha-russa com looping. Antes de ser aberto ao público, a segurança era testada transportando sacos de areia e até macacos. Nessa época, os passeios eram bastante perigosos, e devido à falta de segurança, o looping foi rapidamente extinto.

Na virada do século aparecem vagões que alcançam 60 km/h, com o diferencial do impulso mecânico, permitindo que os carrinhos não fossem mais ser empurrados até a parte mais alta.

A montanha-russa Underfriction introduziu o uso de dispositivo de rodas extras nos carrinhos, possibili-

tando movimentos intensos e dinâmicos. Em 1927, outro fato importante relativo ao desenvolvimento da montanha-russa foi a inauguração da montanha-russa Cyclone, em Coney Island, que marcou o aparecimento do brinquedo em madeira com um mergulho de 30 metros que chegava a 60 km/h. E, em 1959, o Matterhorn Bobsleds, na Disneylândia, foi a primeira montanha-russa a usar trilhos de aço tubular, material que permitiu montanhas cada vez mais assustadoras. Em 1974, é a vez do primeiro percurso em forma de parafuso e, em 1992, a da primeira montanha invertida: o trilho fica acima dos carrinhos.

Atualmente, as montanhas-russas são uma febre nos parques de diversões, em muitos casos o brinquedo mais procurado pelo público. Não é para menos, há carrinhos que passam dos 160 km/h e algumas quedas superiores a 100 metros. Ou seja, aventura pura.



Manta, em Orlando, é considerada uma das mais radicais do mundo



Rastreabilidade garante sanidade vegetal

Instrução Normativa do Mapa e Anvisa, que entra em vigor nos próximos meses, determina que produtos frescos tragam informações dos produtores e comerciantes



Os produtores rurais e comerciantes envolvidos com vegetais frescos, frutas e hortaliças estão em contagem regressiva. Desde o dia 8 de fevereiro, quando ocorreu a publicação da Instrução Normativa (IN) Conjunta nº 2, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), estão definidos os procedimentos para a aplicação da rastreabilidade nas cadeias destes produtos. Os três prazos estipulados pelas entidades para implementação da normativa (180, 360 e 720 dias a partir da data da publicação da IN) devem ser obedecidos conforme os grupos de alimentos (veja no quadro ao lado).

A Instrução Normativa faz parte de um processo para melhorar o monitoramento de resíduos das cadeias de vegetais, frutas e hortaliças no país. De acordo com Fátima Parizzi, coordenadora geral de qualidade vegetal do Mapa, as duas entidades encontravam dificuldades no processo de

investigação quando detectada uma das três situações possíveis: alimentos com resíduos acima do limite permitido, uso de produtos proibidos no país ou ainda uso de defensivos permitidos para uma cultura específica em outra similar.

“Quando algo é identificado, abrimos um processo de investigação para entender o que aconteceu. Muitas vezes não era possível chegar ao problema, pois esbarramos na rastreabilidade, que se perdia em alguns pontos da cadeia. A intenção é que cada agente coloque as informações para ajudar no trabalho”, explica a coordenadora do Mapa. “Resumindo, se a Anvisa e o Mapa coletarem o produto final e identificarmos problema, é preciso ter as informações de todos os elos da cadeia para irmos atrás”, complementa.

A partir da entrada em vigor da IN, os setores de produção, beneficiamento, transporte, manipulação, consolidação e armazenagem precisam ter registros do produto e do fornecedor e/ou comprador que assegurem a rastreabilidade.

de. Por exemplo, o produtor precisa colocar na embalagem informações como nome, variedade e/ou cultivar, quantidade, lote, data de produção, fornecedor, identificação (CPF, CNPJ ou Inscrição Estadual) e endereço completo.

“Pedimos informações bem simplificadas, que podem ser colocadas em uma etiqueta. Ou se o produtor preferir, tudo isso pode ser substituído pelo QR Code ou código de barra. Tentamos fazer algo de vanguarda”, diz Fátima.

No elo seguinte da cadeia produtiva, o comprador precisa ter os registros dos fornecedores. No caso de “mexer” no produto, ou seja, retirar da embalagem original e/ou fazer um novo lote, o comerciante passa a ser o responsável e precisa de uma nova forma de identificação.

“Cada elo da cadeia deve fazer seu registro, que precisa ser mantido à disposição das autoridades por 18 meses”, ressalta a coordenadora geral de qualidade vegetal do Mapa.

Ainda, antes da entrada em vigor do primeiro grupo de alimentos, no dia 7 de agosto, as duas entidades planejam formular um manual de orientação, com todas as informações e estudos de casos, para facilitar o entendimento da Instrução Normativa.

Penalidades

A fiscalização do comércio e uso de defensivos agrícolas é de responsabilidade dos Estados. Já a fiscalização de possíveis irregularidades ocorre de forma conjunta com os órgãos federais. “Amostras dos alimentos são analisadas em laboratórios oficiais. Quando identificamos violações, abrimos processo e vamos até a propriedade para colher amostras. Mas hoje, menos de 10% das amostras em nível nacional

apresentam irregularidades”, afirma Fátima. Os resultados e informações de cada teste são publicados no site do Mapa.

No caso de eventuais irregularidades, as penalidades são aplicadas pelos Estados, conforme a legislação local. Porém, antes disso, o produtor e/ou comerciante tem direito à perícia para contestar o primeiro resultado.

Paraná

A Instrução Normativa Conjunta nº 2 não deve trazer muitas mudanças de rotina para a maioria dos produtores paranaenses. Isso porque, desde 2016, a Resolução nº 748/2014 da Secretaria Estadual da Saúde (Sesa) exige que frutas, legumes e verduras sejam rotulados.

Os rótulos trazem a identificação do produto e do produtor, o lote, a data de colheita e o peso. Produtos expostos em gôndolas de supermercados e/ou bancas de feiras precisam ter uma placa e/ou um cartaz fixado em local visível ao consumidor, com as mesmas informações.

SENAR-PR

O curso de Boas Práticas Agrícolas (BPA), promovido pelo SENAR-PR, tem no seu conteúdo programático ‘Rastreabilidade’, ‘Uso do caderno de campo’, ‘Perigos na produção de hortifrutícolas’ e ‘Boas práticas no controle de pragas, doenças e plantas espontâneas’, entre outros temas que colaboram para a produção conforme a legislação estadual. A capacitação tem como objetivo implantar as boas práticas agrícolas, produzindo alimentos seguros e com rastreabilidade e é voltada para produtores e trabalhadores rurais.

Confira os prazos estipulados para a implementação da Instrução Normativa

GRUPOS	PRAZOS		
	180 dias	360 dias	720 dias
Frutas	Citros, maçã e uva	Melão, morango, coco, goiaba, caqui, mamão, banana, manga	Abacate, abacaxi, anonáceas, cacau, cupuaçu, kiwi, maracujá, melancia, romã, açaí, acerola, amora, ameixa, caju, carambola, figo, framboesa, marmelo, nectarina, nêspera, pêssego, pitanga, pera, mirtilo
Raízes, Tubérculos e bulbos	Batata	Cenoura, batata doce, beterraba, cebola, alho	Cará, gengibre, inhame, mandioca, mandioquinha-salsa, nabo, rabanete, batata yacon
Hortaliças folhosas e ervas aromáticas	Alface, repolho	Couve, agrião, almeirão, brócolis, chicória, couve-flor	Couve chinesa, couve-de-bruxelas, espinafre, rúcula, alho porro, cebolinha, coentro, manjerição, salsa, erva-doce, alecrim, estragão, manjerona, salvia, hortelão, orégano, mostarda, acelga, aipo, aspargo
Hortaliças não folhosas	Tomate, pepino	Pimentão, abóbora, abobrinha	Berinjela, chuchu, jiló, maxixe, pimenta, quiabo

*a contagem dos prazos começa a valer a partir do dia 8 de fevereiro, quando a IN foi publicada.

Seminário debate estratégias para fomentar a cebola no Brasil

Com apoio do SENAR-PR, evento em Campo Magro reúne especialistas para discutir formas de alavancar a cultura, que registra queda de área nos últimos anos



Alexandre Marra, supervisor do SENAR-PR responsável pela RMC.

A programação do Seminário ao longo dos dois dias é bastante extensa e engloba diversos temas de interesse da cultura como manejo, crédito, clima, agroquímicos, perspectiva de futuro, armazenagem, plantio direto, pós-colheita, entre outros. A expectativa da organização é de que mais de 1,8 mil pessoas participem do evento.

Paraná

No Estado a cebolicultura é uma importante atividade no campo, presente em mais de 3,8 mil propriedades de 132 municípios. Na safra 2016/17, o hortifruti ocupou área de 5,5 mil hectares, com produção superior a 130 mil toneladas, sendo que 65% deste montante saíram da Região Metropolitana de Curitiba.

“O Paraná tem uma participação importante na produção nacional. O SENAR-PR apoia o evento garantindo a presença de palestrantes nacionais e internacionais para essa atividade que é de suma importância para o agronegócio estadual”, ressalta Marra.

Campo Magro foi escolhido por ter sua economia baseada na agricultura, com destaque para a produção de cebola, batata e oleicultura em geral. Ainda, segundo dados do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), o município conta com 120 produtores envolvidos com a cebolicultura, em uma área total de 180 hectares, resultando na produção de 4,5 mil toneladas (safra 2016/17). A produtividade no município chega a 25 mil quilos por hectare, acima da média estadual (23,6 mil quilos por hectare).

O Brasil é um fornecedor mundial de diversos alimentos. Porém, a situação é oposta na cebolicultura. O país já foi um tradicional exportador, mas hoje se coloca na posição de importador do produto. Isso porque nos últimos anos a área dedicada à cultura reduziu significativamente. Para tentar reverter esse quadro e fomentar a atividade, técnicos e produtores estarão reunidos durante o 30º Seminário Nacional da Cebola e o 28º Encontro Estadual de Produtores de Cebola, nos dias 25 e 26 de abril, no município de Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). O evento conta com apoio do SENAR-PR.

“O seminário será palco para identificarmos as necessidades dos produtores e compor um esforço para enfrentar este desafio de alavancar a cultura. No encontro, produtores e técnicos poderão compartilhar experiências e discutir o desenvolvimento sustentável da cebola”, destaca

Mais sobre o evento no site
www.seminarionacionaldacebola.com.br

G7 estreita relacionamento com a nova governadora

Os representantes do G7, grupo composto pelas maiores entidades representativas do setor produtivo do Paraná, estiveram reunidos com a governadora Cida Borghetti, no dia 8 de abril, no Palácio Iguçu. O encontro teve como objetivo estreitar o relacionamento entre as partes. Ainda na reunião, as entidades do G7 – Fecomércio, Fiep, Faep, Fetranspar, Faciap, ACP e Fecooper – apresentaram as suas demandas. Na agricultura, por exemplo, a solicitação ocorreu no sentido de que haja continuidade dos programas já implantados, como o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água do Paraná (Prosolo). Na foto, o presidente da Faciap, Marco Tadeu Barbosa;

o assessor da presidência da FAEP, Carlos Augusto Albuquerque; o secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano e chefe interino da Casa Civil, Sílvio Barros; o vice-presidente da ACP e presidente do Sindjor, Camilo Turmina; a governadora Cida Borghetti; o presidente da Fecomércio PR, Darci Piana; o presidente da Fetranspar, Coronel Sergio Malucelli; o superintendente da Fecooper (Ocepar), Nelson Costa e o diretor da FIEP e presidente do Sindemon, Jair José de Souza.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/03/2018

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Saldo C/C	285,03		-	-	-	-	46,55	238,48
Serviços D.S.A.	403.544,18		-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	41.416.751,83	-	2.341.952,64	-	48.056.137,53
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.288.782,40	-	181.518,99	-	16.641.189,23
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.159.876,68	-	-	-	7.984.411,31
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	162.560,88	-	-	-	239.883,66
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	15.952,58	-	-	-	21.791,19
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	203.933,21	-	-	-	287.941,12
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.467,03	4.624.105,00	141.031,00	50.386.538,66	542.225,27	2.664.502,63	77.613,98	73.154.025,08
SALDO LÍQUIDO TOTAL								73.154.025,08

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Ciclo de palestras percorre o Paraná

Com o tema “O agro na busca de 1 trilhão de dólares”, especialista em agronegócio Marcos Fava Neves leva informações a produtores de todo o Estado



Os cenários e tendências do agronegócio estão em pauta entre produtores rurais de todo o Paraná no 3º ciclo de palestras CBN Agro, que percorre os principais polos do Estado. Os eventos, que são promovidos pela Rádio CBN com o apoio do SENAR-PR, acontecem desde o dia 4 de abril nas cidades de Cascavel, Umuarama, Toledo, Guarapuava, Campo Mourão e Londrina. Outros dois encontros irão acontecer nos municípios de Carambeí, no próximo dia 27, e Maringá, dia 7 de maio. No comando das discussões está o professor da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em

agronegócio, Marcos Fava Neves.

Neves é formado em engenharia agrônoma pela Universidade de São Paulo (Usp), com mestrado e doutorado em administração pela Universidade de São Paulo. Professor livre-docente da Usp desde 2004, atualmente é professor titular do Departamento de Administração da FEA-RP/USP. Tem experiência na área de administração, com ênfase em estratégia e marketing, com aplicações em agronegócios e alimentos, atuando principalmente com marketing estratégico, redes (networks), planejamento e gestão estratégica de marketing (PGEM) e canais

de distribuição.

O especialista concedeu uma entrevista ao Boletim Informativo na qual fala sobre os principais temas da palestra, cujo título é “O Agro na busca de 1 trilhão de dólares”. Neves revela como tem sido os encontros realizados, a sua opinião sobre os paranaenses e uma avaliação dos caminhos a serem percorridos pelo agro para que o Brasil siga nos trilhos do desenvolvimento do campo.

BI: Quais os principais pontos da sua palestra?

MFN: O título foi uma forma de chamar a atenção para o tema, mas o mais interessante é de onde vem esse número: 1 trilhão é o que o Brasil tem condições de vender ao mundo pelas nossas exportações acumuladas nos próximos 10 anos. A gente tem vendido anualmente perto de 100 bilhões de dólares por ano, multiplicado por 10 mais o crescimento que devemos nas culturas, principalmente milho, soja, carnes e algodão, em estatísticas que foram publicadas há pouco pelos norte-americanos. Eles estão dizendo que esse é o número do Brasil. O que eu fiz foi somar tudo e colocar onde podemos chegar, o volume de oportunidades que será criado para o desenvolvimento, as chances que têm as cooperativas, os agricultores no meio desse cenário todo, para que possamos realmente continuar nesse desenvolvimento do Brasil puxado pelo agronegócio. Então é a nossa meta, vender ao mundo 1 trilhão e 200 bilhões de dólares nos próximos 10 anos.

Essa previsão feita pelos americanos, na sua opinião como especialista, faz sentido de acordo com tudo o que vem acontecendo na esfera do agronegócio?

Ela faz sentido porque nós temos uma projeção de crescimento de consumo bastante grande, principalmente na Ásia e na África. Nós precisamos lembrar que em 2050 o mundo vai ter 9 bilhões de pessoas. Isso todo mundo sabe, mas o que nem todos sabem é que 80% dessa população vão estar nestes dois continentes. Então o Brasil já tem, nos últimos anos, virado as suas exportações todas para a China e países emergentes como Egito, Índia, Indonésia, Hong Kong entre outros mercados que devem crescer. Porque esse pessoal está se urbanizando, ficando com mais renda. Eles estão crescendo, necessitando de mais comida e têm poucos recursos para fazer isso. Então o Brasil é o vendedor natural. Essa expectativa dos Estados Unidos é uma estimativa realista e que dá para a gente cumprir tentando trazer todo esse recurso para dentro do Brasil, movimentando o comércio, a construção civil e possibilitando a abertura de inúmeras

novas empresas nas cidades importantes ao agronegócio.

Neste ciclo de palestras com apoio do SENAR-PR, como tem sido a receptividade dos produtores rurais presentes?

Tem sido muito bom. Um público muito atento, bastante animado, tem saído das apresentações com um choque de autoestima pelo agradecimento que eu faço a tudo o que eles nos entregaram até hoje, pois é um desempenho maravilhoso o que o Brasil fez nos últimos 25, 30 anos. Temos trabalhado sempre com casa muito cheia, o que me deixa feliz. Além dos agricultores, precisa ser ressaltada a presença de muitos estudantes das universidades que estão ali ouvindo uma proposta de crescimento, sem cunho ideológico, para que a gente possa realmente gerar emprego para inúmeros jovens, inserção, e gerar renda. Tem sido de uma aceitação muito maior do que eu esperava.

Qual é a sua opinião sobre essa iniciativa de levar conhecimento a produtores rurais do Paraná em relação a tendências e gerar essa troca

de conhecimentos nos principais polos do agronegócio?

O SENAR-PR e a Rádio CBN estão de parabéns pela iniciativa. O Paraná sempre com atitudes inovadoras, o que nos deixa muito orgulhosos. Essa é uma palestra, como eu tenho dito no começo da apresentação, que inicia um relacionamento permanente, pelas mídias digitais, com as pessoas presentes. Nós temos um site que foi lançado recentemente (www.historiasdoagro.com.br) onde o produtor rural, o estudante de agronomia, enfim, o público interessado no agronegócio pode acompanhar tudo o que estamos fazendo, os áudios gravados, as análises de conjuntura. Então é uma palestra onde a gente se conhece e depois continua uma amizade pelas mídias digitais para que os interessados possam receber, a cada semana, uma atualização do que está acontecendo no agro. Hoje, as opiniões embasadas em números e dados em relação aos fatos ocorridos no mundo, no próprio Brasil, no campo, têm sido muito importantes. Esses eventos colaboram para as pessoas a irem nessa direção, buscarem cada vez mais informações para a tomada de decisão.



Centenas de produtores prestigiaram a palestra em Guarapuava, na região do Centro-Sul

Serviço

27 de abril

Carambeí – 20 horas
Pavilhão de Exposição Frísia
Parque Histórico
Avenida dos Pioneiros, 4050

7 de maio

Maringá – 20 horas
Parque Histórico
Avenida Colombo, 2186

Mais informações:

cbn@cbnlondrina.com.br

Os convites são gratuitos.

Todos pela conservação

Prosolo aposta na capacitação e pesquisa científica para preservar o solo e a água



PROSOLO
PARANÁ

PROGRAMA INTEGRADO DE
CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA DO PARANÁ

O Dia Nacional da Conservação do Solo, comemorado no dia 15 de abril, propõe uma reflexão em relação a um dos principais patrimônios naturais do planeta. O uso incorreto e/ou de forma equivocada traz consequências duras aos proprietários de terra, como erosão, compactação e outros males que, além de ameaçar o meio ambiente, impactam a economia no meio rural.

Ao lado da água, o solo é a maior riqueza que pode existir em uma propriedade rural. Cuidar bem destes recursos garante a continuidade da atividade agropecuária e o futuro das próximas gerações, uma vez que tratam-se de recursos finitos.

Diante deste cenário, em 2016, o governo do Paraná, com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, criou o Programa Integrado de Conservação de Solo e Água (Prosolo), que tem como objetivo principal recuperar as boas-práticas agrícolas no Estado, como Plantio Direto,

adubação verde, terraceamento e outras técnicas chave para uma boa conservação, que andavam um pouco esquecidas por aqui.

“Um dos objetivos do programa é criar nos produtores do Estado a consciência da importância de conservar o solo e a água”, explica a secretária executiva do Prosolo pela Secretaria Estadual da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Seab), Débora Grimm.

Um dos pilares do programa é a capacitação de profissionais na área de conservação. Por meio do curso “Manejo de Solo e Água em Propriedades Rurais e Microbacias Hidrográficas”, profissionais da área agrícola são preparados para elaborar projetos de recuperação e controle de solo e água em propriedades rurais.

Atualmente estão em andamento seis turmas deste curso, que possui 300 horas de duração divididos em nove meses. As aulas são na modalidade de Ensino a Distância

(EaD) e também presenciais, com práticas de campo. Desde que passou a ser oferecido, no final de 2016, já foram formados 211 profissionais, em 22 turmas.

Um destes profissionais é a engenheira agrônoma, Gisele Maceda Slovinski, de São Miguel do Iguacu, região Oeste, que concluiu o curso no início de 2018. No caso dela, a formação contribuiu na sua atuação profissional. “Eu já trabalho numa empresa de planejamento agrícola, fazendo projetos com o objetivo de recuperar o solo nas propriedades”, afirma.

Na opinião da agrônoma, o curso serviu também para atualizar os profissionais que já estão em atividade. “Vimos onde podemos melhorar na parte de elaboração de mapas e croquis, pois foram apresentadas novas ferramentas para isso”, diz. A troca de informações entre os participantes é outro ponto positivo. “Como haviam pessoas de diversas áreas no curso, cada um traz uma visão diferente. Com isso temos várias maneiras de solucionar um mesmo problema”, afirma.

Outra característica do ProSolo é a integração com outros programas relacionados. Dentre eles estão o Moringa Cheia, da Sanepar; o Plante seu Futuro, que reúne diversas instituições como o Sistema FAEP/SENAR-PR; o Programa Microbacias e o Pro-Rural, ambos da Seab; e o Pronasolo, do governo federal. Cada um destes trata, direta ou indiretamente, de questões relacionadas à conservação do solo e da água.

O Pro-Rural, por exemplo, tem como alvo as estradas rurais, que, quando mal manejadas, acabam contribuindo para a erosão. Já o Pronasolo, identifica os diferentes tipos de solo em uma escala mais precisa, que permite o uso deste mapa no planejamento da propriedade rural. A ideia é que estas iniciativas atuem de forma complementar. “Para trazer uma solução efetiva

para os problemas de solo e água, são necessárias ações integradas, que visem o trabalho conjunto e não ações individuais, isoladas”, explica o secretário executivo do ProSolo pelo SENAR-PR, Werner Meyer.

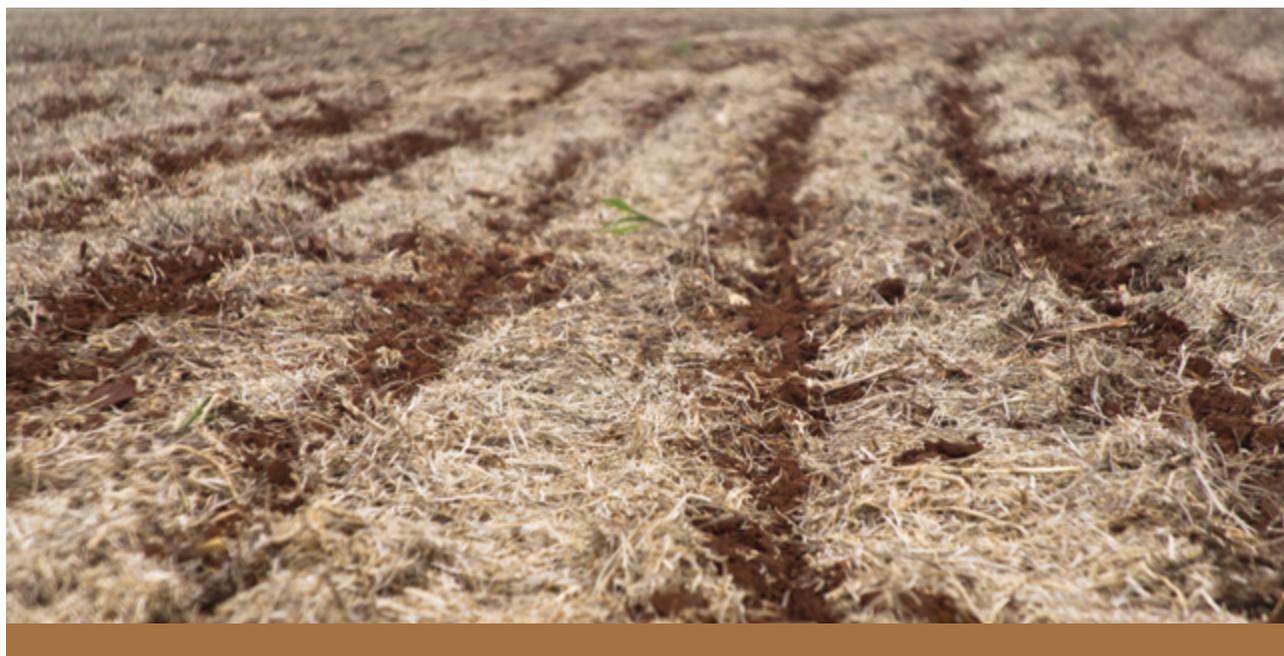
Conhecimento científico

A pesquisa científica aplicada é outro pilar do ProSolo. O programa fomenta pesquisas na área de conservação e solo e água em sete mesorregiões do Estado. Em setembro de 2016 foi assinado um plano de aplicação financeira para a Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada, que reúne 19 instituições, como universidades (públicas e privadas) e centros de pesquisa. O aporte financeiro é de R\$ 12 milhões, sendo que o SENAR-PR financiou metade deste montante.

Por meio de uma chamada pública da Fundação Araucária, foram aprovados 35 projetos de pesquisa de diversas regiões do Paraná, que envolvem 147 pesquisadores. Um destes pesquisadores é o professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Sebastião Brasil, que irá iniciar no inverno deste ano uma pesquisa sobre integração lavoura pecuária.

“Com esse sistema você pode evitar a erosão, vamos analisar as qualidades químicas, físicas e biológicas do solo com o pastejo de animais, pensando sempre na dinâmica das águas e como ela vai se processar no solo”, afirmou.

Segundo o pesquisador, o Paraná já foi referência em boas-práticas agrícolas. Porém, desde a década de 1990 isso passou a ser negligenciado. “O pessoal pensava que era só fazer plantio direto que estava tudo certo. Isso não é correto. O ProSolo vem resgatar essa preocupação”, observou.





JUSSARA

VEÍCULOS CANAVIEIROS

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, realizou de 22 de janeiro a 2 de fevereiro, o curso Técnicas de Operação Fora-de-Estrada - veículos canavieiros, em Jussara. O instrutor foi Eraldo Moreira da Silva e participaram nove pessoas.



PALOTINA

PRODUÇÃO ARTESANAL DE ALIMENTOS

O Sindicato Rural de Palotina realizou, nos dias 22 e 23 março, o curso Produção Artesanal de Alimentos - beneficiamento e transformação caseira de mandioca - básico em mandioca. A instrutora foi Silvia Lucia Neves e participaram 15 pessoas.



RONDON

TRATORES E MÁQUINAS PESADAS

O Sindicato Rural de Rondon realizou o curso Mecânico de Tratores e Máquinas Pesadas Motor Valtra, de 22 a 26 de janeiro. Participaram 12 pessoas e o instrutor foi Marcio Vessoni Domingues.



VIRMOND

SOL RURAL

O Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul, em parceria com a empresa Souza Cruz, realizou o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Sol Rural, de 12 de março a 5 de abril. O instrutor foi Josias Schulze e participaram 11 pessoas.



SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

ARTESANATO DE MADEIRA

O Sindicato Rural de São José dos Pinhais realizou o curso Artesanato de Madeira - artesanato em bambu - construindo com bambu, de 16 a 19 de março. A instrutora foi Joelma Kapp e participaram 10 pessoas.



ALTÔNIA

FRUTICULTURA BÁSICA

O curso Trabalhador na Fruticultura Básica - clima tropical - manejo ecológico de pragas em citros foi realizado pelo Sindicato Rural de Altônia, nos dias 4 e 5 de abril. O instrutor foi Valdomiro Tormen e participaram 17 pessoas.



UMUARAMA

PISCICULTURA - SISTEMAS DE CULTIVO

O Sindicato Rural de Umuarama realizou o curso Trabalhador na Piscicultura - sistemas de cultivo, nos dias 5 e 6 de março. Participaram 11 pessoas e a instrutora foi Janete Armstrong.



NOVA LONDRINA

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Nova Londrina, em parceria com a Cia Melhoramentos, realizou o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - norma regulamentadora 31.8, nos dias 26 a 28 de março. O instrutor foi Claudécir Sebastião Prieto e participaram 15 pessoas.

VIA RÁPIDA



Vegetais em Marte

Cientistas da Antártica fizeram a primeira colheita de vegetais cultivados sem terra, luz do dia ou pesticidas, como parte de um projeto destinado a ajudar os astronautas a cultivar alimentos frescos em outros planetas. O projeto da Antártica tem como objetivo produzir uma maior variedade de vegetais que podem um dia ser cultivada em Marte ou na Lua.



Massagista

Existe uma lei na Coreia do Sul, vigente há mais de 100 anos, em que somente os deficientes visuais podem exercer a função de massagistas no país. O objetivo é garantir uma fonte de renda para os deficientes visuais.

1ª Guerra

Um arqueólogo encontrou no Nordeste da Síria, em 2007, bolas de adobe e argila que foram utilizadas como munição no século IV a.C. De acordo com Clemens Reichel, que chefiava as escavações na antiga cidade de Hamaukar, perto da fronteira com o Iraque, há quase seis mil anos, o local foi reduzido a cinzas por invasores procedentes do sul da Mesopotâmia. Seria a 1ª guerra do mundo.



Crédito

Para conseguir vender as mobílias de sua loja, Christopher Thornton confiou em seus clientes e ofereceu a condição de pagamento semanal. Isso foi em 1730. De lá para cá o ser humano tem se afundado nas compras a crédito e parceladas.



Pérolas do Enem

“2ª Guerra Mundial foi um período de paz e de prosperidade para a Alemanha”

“O cérebro é muito espantoso: hoje em dia ele é usado até pelos pobres”.

“A alimentação é o meio de digerirmos o corpo” .

“Eles roubam as pessoas inadequadas”.

“Então eles cometem atos flatulentos”.

Marcos

Marcos é a abreviatura de 'Marine Commandos'. Trata-se de um grupo treinado e fortemente equipado com rifles e equipamentos de guerra, uma das forças especiais mais mortais do mundo. Eles passam por treinamentos emocionais, físicos e de guerrilha.



Recorde

O empresário paranaense Francisco Neto Lourenço, de 65 anos, colheu um pepino gigante de 41 quilos. Com 73 centímetros, o legume chama a atenção de quem passa pela loja de materiais de construção dele, em Cascavel, no Oeste do Estado, onde está exposto. O segredo, revela, é escolher boas sementes e adubar bem.

Senha

Cheguei agora em um botequim:
Por favor, qual é a senha do WiFi?
- Tem que comprar uma coisa antes.
- Tá, me dá uma cerveja.
- Pode ser Heineken?
- Claro. Quanto?
- 20 Reais.
- Feito. E a senha?
- Tem que comprar uma coisa antes.
Sem espaço, tudo minúscula.



UMA SIMPLES FOTO



Umbigo

Todos os animais mamíferos têm umbigo porque é o fim do cordão umbilical. Na maioria dos animais, como o gato, não se vê porque se torna uma cicatriz quase imperceptível.





CATÁLOGO INTERATIVO SENAR PR

O SENAR-PR oferece centenas de cursos para capacitar trabalhadores e produtores rurais em suas atividades.

Acesse o Catálogo Interativo no nosso canal do Youtube e obtenha mais informações.

youtube.com/sistemafaep



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

